AS REUNIÕES DA OUA FORAM DE GRANDE SIGNIFICADO

8/7/76 N. pág. 2

— Joaquim Chissano

«As duas reuniões da OUA, o Conselho de Ministros e a Assembleia de Chefes de Estado foram de grande significado no sentido em que se manteve um espírito de compreensão dos problemas, discutindo-os o mais conscientemente possível não tentando como no passado iludir os problemas e criar falsos compromissos. Os problemas foram discutidos profundamente e tomaram-se decisões que cremos serem justas tendo em conta a diversidade de ideias em África. Foi um resultado muito positivo neste sentido» — começou por dizer Joaquim Chissano, ministro dos Negócios Estrangeiros da República Popular de Moçambique, em declarações prestadas à Informação moçambicana momentos antes do avião em que viajava de regresso da ilha Maurícia ter aterrado no aeroporto de Mavalane.

Joaquim Chissano chefiando a delegação moçambicana participou nas duas reuniões da OUA que decorreram no Instituto Mahatma Gandhi em Moka, nas proximidades de Port Louis capital da Ilha Maurícia. Na primeira, na qualidade de ministro dos Negócios Estrangeiros e na segunda, representando o Presidente Samora Machel na Cimeira de Chefes de Estado e Governo.

O Ministro Joaquim Chissano falando aos orgãos da Informação

Prosseguindo no desenvolvimento da sua análise geral sobre a forma e os resultados dos trabalhos das reuniões da Organização da Unidade Africana, Joaquim Chissano afirmou:

«No que diz respeito propriamente a Moçambique nós fomos alvos de grande atenção. Não só porque nós aplicamos as sanções contra a Rodésia, mas porque realmente nós aparecemos como um país que está a dar tudo por tudo pela libertação da África. E não só a libertação política, como seria a libertação do Zimbabwe mas mesmo no que diz respeito aos problemas económicos na África. Nós tomamos uma atitude que está de acordo com uma luta pela independência económica. Assim Moçambique inspira um grande respeito a todos os outros países. Esperamos que pela prática no interior do nosso país possa fomentar as possibilidades que a África tem em avançar».

Nesta reunião reconheceram-se as diversas potencialidades da África, políticas, económicas e culturais para poder marchar com os seus próprios pés disse depois o ministro dos Negócios Estrangeiros Joaquim Chissano.

DISCUTIR SEM RECEIOS

«Houve problemas graves que foram levantados durante a conferência que pareciam tender à divisão de África mas como aprendemos com a experiência da reunião extraordinária de Chefes de Estado em Adis-Abeba, os países progressistas da África tomaram a decisão de fazer com que os problemas fossem discutidos sem receios e uma vez mais provamos que esta maneira de discutir os problemas serve afinal mais a unidade na África do que à divisão. Assim obtivemos uma plataforma sobre o problema de Djibouti com uma resolução que foi aprovada. Compreendemos pelas declarações que foram feitas pela Etiópia e pela Somália que estes países se engajavam a respeitar a Carta da OUA e a não interferir com a independência de Djibouti. Por outro lado a questão referente ao Sara em que conseguimos que se encarasse o problema com maior seriedade o que nos conduziu à convocação de uma reunião extraordinária de Chefes de Estado para discutir apenas este problema, porque o Sara já não é como alguns países pretendiam um assunto arrumado, mas é um assunto que merece atenção. Trata-se de um assunto colonial em que o povo do Sara decidiu ter o seu direito à autodeterminação mas encontrou entraves. Alguns pretendem tomar como principal o conflito entre Estados já independentes como a Argélia, Marrocos e a Mauritânia mas a maioria, já bem detectável reconhece o problema como um problema da luta pela verdadeira independência pelo povo do Sara».

PRINCIPAIS TAREFAS

«Durante a reunião decorreram outros incidentes no Uganda e no Sudão e os países africanos foram unânimes em condenar as acções de Israel no Uganda. Sobre o Sudão todos os países felicitaram o Presidente Nimeiry por ter conseguido sair vivo da tentativa de golpe de Estado. Este é um problema que ainda vai ser discutido. Há um país que é acusado de ter participado na malograda tentativa mas quando o problema foi apresentado a reunião já estava na sessão final.

«Voltando aos pontos principais das prioridades que a África se põe como tarefas encontramos a Libertação de África, a libertação do Zimbabwe e da Namíbia e a luta contra o «apartheid» estão em primeiro lugar da luta. Como sabemos o Zimbabwe e a África do Sul são alvo de grande atenção e por isso ser Moçambique um país com o qual os povos destes países contam como apoio; da base para a luta de libertação contra as minorias racistas. Pudemos inclusivamente obter expressões de apoio material como foi o caso da Nigéria que ofereceu um donativo para ajudar a luta do povo do Zimbabwe. Esta é uma confiança que a Nigéria demonstrou ter no povo de Moçambique. Que o povo de Moçambique é responsável e que será capaz realmente de utilizar esse donativo para benefício da luta do povo do Zimbabwe. A Nigéria como sabem já ajudou Moçambique no que respeita à aplicação de sanções económicas contra a Rodésia.

A África também aceitou unanimamente em avançar com uma soma de vinte milhões de dólares, tirados do fundo árabe de ajuda a África, para a realização de um dos vários projectos que apresentamos à comunidade internacional, como formas de luta contra as consequências da aplicação das sanções contra a Rodésia. É claro que esta medida foi tomada em relação a outros países como as Comores e medida semelhante foi tomada em relação a Cabo Verde, mas a questão de Moçambique foi posta de uma forma particular tendo em vista o seu papel na luta de libertação do povo do Zimbabwe».

UNIDADE CULTURAL

«Outro aspecto geral da conferência são os documentos que foram adoptados e alguns dos quais para a sua implementação precisarão de mais estudo; mas foram adoptados por unanimidade como a Carta Cultural. Pensamos que foi uma medida boa para a maior unidade de África, pois a África não tem somente a unidade política mas também tem de ter a unidade cultural.

«Também se discutiram vários problemas de carácter económico. Não avançamos porque realmente os preparativos não tinham sido suficientemente feitos.

A ideia do estabelecimento mais concreto da luta pela libertação económica da África não foi tomada como um tema mas estamos satisfeitos ao notar que as ideias convergem para este sentido da luta de libertação económica da África. Muitos compreendem que é necessário haver em África uma autosuficiência tanto no plano interno como no plano interafricano. É preciso que haja uma autosuficiência e isso passará por formas de cooperação.

«Alguns países focaram as relações entre os países subdesenvolvidos e os industrializados. É claro que este problema vai ser discutido mais longamente na próxima cimeira dos Não-Alinhados em Colombo. Mas o facto de que, já é fácil a compreensão aos países de que, é possível fazer-se alguma coisa com o aproveitamento máximo dos nossos recursos, com uma concentração na pesquisa nas formas de superar a insuficiência que temos tido até agora, é muito encorajador e cremos que vamos encontrar formas concretas para pôr em prática estas ideias. Será necessário começar. Como sabem na nossa área já começamos com a cooperação com os países vizinhos com a Tanzânia e Zâmbia e pensamos que isto será possível a toda a África se for encarado com objectividade, com um estudo das condições reais de cada país e se houver países que estejam determinados a engajar-se na sua total libertação económica e cultural para além da sua libertação política. Aqui está o valor dos documentos aprovados».

A terminar as suas declarações o ministro moçambicano dos Negócios Estrangeiros referiu-se à cooperação com os países árabes e particularmente a conferência de Dakar e à próxima cimeira árabe-africana de Chefes de Estado.